

Na localidade de Quintos [Boa Vista, corrigido a mão], no município de Parelhas, existe um aglomerado de negros que, se diz, são remanescentes do famoso **Quilombo dos Palmares**. São os Negros do Rosário, elementos de uma pigmentação diferente, uma pele de um preto quase azulado. Eles cultuam danças e hábitos que vêm dos seus antepassados e vivem em comunidade como se de fato pertencessem a uma raça diferente. Chegaram a Parelhas certamente **após a Libertação dos escravos**, pela Lei assinada pela Princesa Isabel, quando ficou sem finalidade o Quilombo dos Palmares e seus residentes foram se dispersando, em grupos (Parelhas 1977: 40).

¹ cavignac@cchla.ufrn.br. A pesquisa empírica contou com a colaboração de Gilson José Rodrigues Junior, José Antônio Fernandes de Melo e Sebastião Genicarlos dos Santos. Este artigo foi apresentado inicialmente na X ABANNE - Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste e I Reunião Equatorial de Antropologia realizada em Aracaju, Sergipe em outubro 2007, no grupo de trabalho "Sertão... Sertões: identidades, imagens e narrativas".

² Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses - NCCEN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN / Natal.Convênio INCRA/SR19.

Em Boa Vista, comunidade quilombola situada no sertão do Rio Grande do Norte, a devoção à N. Sra. do Rosário e a narrativa de fundação aparecem como sendo os principais marcos identitários do grupo: o ritual e as performances discursivas dos eventos são atualizados e informam sobre as aspirações futuras do grupo. Essa perspectiva permite apreender o discurso nativo das percepções do mundo de um grupo que afirma sua diferença na referência a uma dança e uma história comum.

A pesquisa empírica realizada ao longo de 2007 para fins de elaboração de um relatório antropológico no quadro de um processo de regularização fundiária, investigou a história, as narrativas de fundação da comunidade, a memória genealógica das famílias quilombolas e as ligações existentes com as irmandades negras dedicadas à N. Sra. do Rosário na região. Analisados em conjunto, esses registros mostram a existência de uma presença contínua de descendentes de escravos na região e desvelam uma realidade a ser explorada pelos historiadores e antropólogos.

O reinado da Boa Vista

Optamos seguir uma abordagem antropológica que associa os temas do rito e da memória para iniciar uma reflexão sobre a importância social (identitária) dessas expressões culturais, assim como a dos elementos selecionados pelos nossos interlocutores. Como aponta Jacques Le Goff (1988: 115), a memória e a identidade coletiva articulam-se, para se expressar especificamente nos mitos de origem e na genealogia, mas poderíamos, ainda, incluir os rituais como a Festa de N. Sra. do Rosário cuja dimensão memorial e identitária se destacam das outras formas simbólicas.

A memória narrativa e a resistência à escravidão ensaiada na dança do Espontão possibilitam apreender a versão nativa da história, mesmo se essa é silenciada. Também, não é homogênea, pois, sabemos graças aos trabalhos pioneiros de Maurice Halbwachs (1990) e do seu sucessor, Michael Pollak (1989), que a memória não é uma simples reprodução dos fatos e dos acontecimentos: apresenta-se como o produto de uma elaboração singular que os indivíduos têm das suas práticas sociais; é antes de tudo um processo.

A pesquisa de parentesco e a utilização do método genealógico servem para entender as histórias de vida, a constituição das famílias, mas

também, possibilitam a descrição das formas de organização social e política nos termos utilizados pelos membros do grupo; o que os antropólogos chamam de “ponto de vista dos nativos” (Geertz 1997). A forma local de expressar os laços sociais fundamentando a noção de comunidade é traduzida pela expressão “O povo da Boa Vista”. Assim como foi demonstrado em outros contextos etnográficos, para os grupos camponeses, o parentesco aparece como “um componente básico de sua reprodução social” (Woortman 1995: 65), meio pelo qual os quilombolas reconhecem os herdeiros, expressam o sentimento de pertencimento ao grupo e identificam-se com o território.

Assim, a memória genealógica tem um papel crucial no “sistema de representação e de identificação local” (Zonabend 2000: 506). Também, veremos que é possível aplicar o modelo explicativo da ‘casa’ ou do ‘sítio’: antes de descrever um espaço de reprodução econômica dos grupos domésticos, designa um conjunto de representações em torno do grupo que se representa como uma ‘grande família’. Essa perspectiva analítica possibilita pensar a sucessão das terras e a reprodução de outras expressões simbólicas como a transmissão do nome, a história do grupo, a permanência do ritual, etc. (Lévi-Strauss 1974; Mauss 2003; Woortman 1995). Assim, além de um uso tradicional e coletivo das terras (Arruti 2006: 86-91), respondendo, em Boa Vista, a uma lógica de transmissão familiar, encontramos um conjunto cultural que é passado de geração a geração e que podemos chamar de ‘tradição’: a permanência de alguns traços codificados da cultura expressa uma estrutura mais profunda que se reproduz ao longo dos anos na vida cotidiana, através dos gestos, das expressões lingüísticas ou das formas não verbais de comunicação, das técnicas, enfim, de um conjunto amplo formado essencialmente pelos conhecimentos sobre o meio ambiente, as representações simbólicas ligados a ele, os usos do espaço, as formas artísticas, um vocabulário próprio, as expressões religiosas, etc.

Esses conhecimentos, técnicas e expressões culturais se inscrevem num espaço e numa temporalidade particular à sociedade estudada, atualizando-se regularmente e sendo, por conseguinte, suscetíveis de mudanças. A definição de cultura de C. Lévi-Strauss (1983: XIX) como sendo um “conjunto de sistemas simbólicos” se assemelha ao conceito de

habitus elaborado por Bourdieu (1980: 88), definido como “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas e de representações” que nem sempre são conscientes.

Por outro lado, o grupo estudado distingue-se dos seus vizinhos por serem chamados e reconhecerem-se como ‘negros’. Constatamos que a concepção de “comunidade” que é associada ao termo “quilombola” foi naturalizada pelos próprios atores, o que implica o reconhecimento de laços genealógicos, de um território comum e de um passado compartilhado, corresponde àquela descrita nos textos legais³:

O direito à propriedade da terra, reconhecido no artigo 68, relaciona-se a uma herança, baseada no parentesco, a uma história baseada na reciprocidade e na memória coletiva e a um fenótipo como princípio gerador de identificação, onde o casamento preferencial atua como valor operativo no interior do grupo (Ana Paula Comin de Carvalho in Aba 2006: 47).

Seguindo a definição do grupo étnico de Max Weber (1971: 416), os elementos fundantes de um grupo étnico, a saber, a identificação dos moradores com valores comuns, no caso da Boa Vista, a crença numa origem compartilhada, e a existência de uma trajetória histórica própria, revela-se, sobretudo, através da descrição dos laços de parentesco, travados ao longo das gerações com membros de outras comunidades quilombolas. A longa memória genealógica que pudemos coletar reflete a preocupação dos integrantes da comunidade em perpetuar a história das famílias que estão na origem de Boa Vista, pois, como em outras comunidades quilombolas:

³ É preciso esclarecer que o conceito de “quilombo” foi ressemantizado ao longo dessas últimas décadas, sobretudo, após a efetivação das primeiras titulações das terras de remanescentes de quilombo no território brasileiro. Ver os trabalhos de Almeida (2002 e 2006) e Arruti (1997 e 2006).

Os critérios de pertencimento que caracterizam os grupos étnicos e que afirmam etnia como um tipo organizacional estão presentes nas situações referidas assim como também as representações sobre uma história do grupo que é continuamente reconstituído e que invoca uma origem comum coetânea ao momento em que se afirma a autonomia produtiva. Essas representações remetem a uma história que se inicia em que deixam um trabalho subordinado a um senhor e passam a constituir unidades produtivas autônomas, baseadas no trabalho familiar combinado com o uso comum dos recursos ambientais por um conjunto definido de grupos domésticos (Castanheda 2006: 34).

Assim, o principal critério de definição da ‘fronteira étnica’ que podemos observar em campo segue a lógica do “sangue”, que dá acesso à terra (Barth 1988: 32-33). A consangüinidade define os herdeiros e a aliança faz do indivíduo um parente. A unidade do grupo funda-se ainda em relações sociais privilegiadas determinadas, em parte, pela participação do indivíduo na festa do Rosário; o que produz uma relação privilegiada. Os estudos das relações de parentesco e de sociabilidade aparecem como sendo instrumentos preciosos que auxiliam a pesquisa etnográfica por oferecer uma ferramenta metodológica potente e possibilitar o levantamento de dados referentes à constituição do grupo e à sua história. Mas, como vimos, o sentimento de pertencimento a um conjunto que é descrito como sendo àquele constituído por laços de consangüinidade reais e fictivos, ligando as famílias de Boa Vista fundamenta-se numa representação simbólica; é a imagem que o grupo construiu para si e para os outros e transmitiu ao longo da sua existência, pois, como o sublinha C. Lévi-Strauss (2003: 61):

(...) um sistema de parentesco não consiste nos laços objetivos de filiação ou de consangüinidade entre os indivíduos. Ele só existe na consciência dos homens; é um sistema arbitrário de representações, e não o desenvolvimento espontâneo de uma situação de fato.

Reencontramos, então, os mesmos elementos presentes na definição do grupo étnico: o parentesco, antes de designar um conjunto de rela-

ções sociais definidas pela aliança ou pela consangüinidade, representa um sistema de idéias e de percepções compartilhadas que corresponde a uma terminologia de nominação de parentes. A dimensão simbólica está presente na formação do grupo, seja ele de consangüíneos, seja ele de afins, num sentido amplo: no caso dos quilombolas, designa os indivíduos que se integraram ao grupo, preferencialmente pelo casamento ou pela festa, compartilhando um modo de vida semelhante e valores comuns. Assim, o parentesco e o ritual servem aos membros do grupo para afirmar uma identidade étnica diferenciada e fundamenta as relações sociais. Caracterizam-se como uma linguagem comum entre os “Negros da Boa Vista” ou “do Rosário” que compartilham uma história, valores e um modo de vida. Nessas experiências sociais, a família ocupa um lugar de destaque, mesmo se a organização social e econômica do grupo conheceu mudanças.

Em todo caso, a memória e a dança são intimamente ligadas ao passado dos grupos e expressam-se através de uma multiplicidade de expressões culturais, sejam elas narrativas, artísticas ou rituais. Longe de ser imutável, a cultura, como qualquer produção social, é submetida a um processo contínuo de mudanças, obedecendo geralmente a uma determinada lógica. Segundo a definição de cultura de Eduardo Viveiros de Castro (2002: 209), é “um conjunto de estruturações potenciais da experiência, capaz de suportar conteúdos tradicionais variados e de absorver novos”. Essa perspectiva aproxima-se da noção de identidade elaborada por Manuela Carneiro da Cunha (1994):

... pode-se entender a identidade como sendo simplesmente a percepção de uma continuidade, de um processo, de um fluxo, em suma, uma memória. A cultura não seria, nessa visão, um conjunto de traços dados, e sim a possibilidade de gerá-los em sistemas perpetuamente cambiantes.

Observando as relações de parentesco e de sociabilidade em Boa Vista, podemos visualizar elementos de uma tradição que serão, a cada geração, reformulados em função dos eventos e da dinâmica do grupo. Assim, veremos, a seguir como a memória e a identidade são sujeitas a

mudanças conjecturais, porém suas variações seguem as de uma estrutura preexistente aos fatos eventuais; a importância da Festa do Rosário para o grupo é um dos maiores exemplos da continuidade de uma expressão cultural de um grupo subalterna (Sahlins 1987). Acompanhando os resultados dos trabalhos clássicos sobre os ritos e adaptando-os ao contexto estudado, percebemos que o rito tem como função principal a reprodução das normas e valores do grupo; a festa religiosa é o momento durante o qual o grupo se revela e consolida-se (Durkheim 1990). Também, a Festa dos negros do Rosário tem outro papel, o de lembrar uma história silenciada: aparece, no final da análise, como uma ‘memória ritual’ (Severi 1993: 361).

“Os Negros da Boa Vista” afirmam-se como grupo étnico, distinguindo-se dos seus vizinhos “brancos” (os “Barros” e os “Lucianos”) e, ao mesmo tempo, pertencem à Irmandade do Rosário: são ‘depositários’ de uma tradição religiosa secular que eles seguem à risca. Ao reivindicarem um território, encenam práticas culturais próprias: são conhecidos em toda região por estarem ligados à irmandade do Rosário, perpetuando um culto em louvor à santa, com a dança do Espontão. Se, hoje, a devoção à N. Sra do Rosário é considerada como sendo a expressão ritual de maior importância para o grupo, pois é instrumentalizada e utilizada em certas ocasiões para afirmar uma diferença, veremos que a narrativa fundadora do grupo e a memória genealógica são também as principais marcas identitárias dos ‘negros’. São constantemente acionados para reivindicar a legitimidade da ocupação do território pelos herdeiros dos primeiros quilombolas que fundaram Boa Vista.

A partir da perspectiva que prioriza o ritual, a memória, a representação nativa do passado e a história das famílias, analisaremos aspectos ligados à afirmação étnica e à territorialidade a partir de um conjunto designado por nossos interlocutores. Serão analisados elementos da história local, da sociabilidade e da organização social que podem ser observados ou evocados, como as narrativas míticas e as versões explicativas da origem do grupo, as expressões idiomáticas, o sistema de nomeação, as estratégias matrimoniais, as técnicas, a importância dada ao corpo, as receitas, os contratos de trabalho, as formas de religiosidade, etc. Aproveitaremos para refletir sobre a importância da transmissão da memória

genealógica e da história das primeiras famílias quilombolas na ocasião da definição do território. Para isso, será preciso observar o papel da solidariedade tradicional, fundado nos laços de parentesco, nas redes de sociabilidade, na patronagem e na constituição da imagem do grupo. Iremos assim, investigar os processos de afirmação étnica, através das vias simbólicas. Desta forma, analisaremos como a história de fundação da Boa Vista, os laços de parentesco, incluindo, os sugeridos pelo pertencimento à Irmandade do Rosário, as modalidades de transmissão do nome, a dança e o ritual religioso são definidores da identidade étnica, pois desenham o contorno do grupo, sendo constantemente instrumentalizados e atualizados.⁴ Assim, servem para definir o acesso a terra e para justificar a defesa de um território tradicional; veremos que esses elementos aparecem como centrais para o entendimento da trajetória histórica da comunidade da Boa Vista.

Tereza, Nossa Senhora e seus dançarinos

Existem diferentes versões da fundação da Boa Vista, porém a narrativa contada por Seu Emiliano em 1990, serve de ponto de partida. Iremos examinar algumas versões que explicam a presença de comunidades quilombolas na região e que apontam para existência de uma rede de contatos entre os diferentes grupos. Assim, a irmandade do Rosário, atuante desde o final do século XVIII no Nordeste Brasileiro, comprova a ancestralidade dos grupos encontrados hoje na região: localmente, a longa memória genealógica compartilhada fornece uma legitimidade ao grupo que, até hoje, ocupa as terras da “Boa Vista dos Negros”. Apoiando-se na tradição oral, os quilombolas apresentam de forma unânime as circunstâncias do povoamento inicial da Boa Vista, que coloca em cena dois grupos sociais e étnicos diferenciados, diferença ressaltada pela devoção à Nossa Senhora do Rosário. É na reiteração da genealogia do grupo, da devoção à santa e das narrativas de fundação da localidade que se constrói a identidade coletiva.

⁴ Nosso referencial teórico inspira-se nos seguintes autores: Castro 2002, Lévi-Strauss 2003, Wachtel 1990, Salhins 1987.

Todos reconhecem um ancestral comum, Tereza, uma retirante que teria sido 'adotada' por um fazendeiro, o coronel Gurjão. Os mais velhos, principalmente, conhecem a história de Tereza que se confunde com a dos seus ancestrais. Assim, Dona Chica, Seu Zé Vieira, Seu Manoel Miguel e Dona Geralda mostraram um grande interesse em lembrar os antepassados e em apresentar suas genealogias que convergem para uma origem comum. Retomam a versão contada por Seu Emiliano (1911-2004), que era considerado como a pessoa de referência nos assuntos ligados à história da Boa Vista. Grande contador de história, dotado de uma memória extraordinária, era capaz de citar todos os nomes dos descendentes de Tereza e de seu filho Domingos, em linha masculina:

Essa aldeia de negro aqui, começou de uma mulher. Começou de uma Luzia... Luzia, não, era Tereza, começou de uma Tereza. Essa Tereza, dizem que era negra retirante, vinha de não sei d'aonde, vinha bem de lá (R). Porque ninguém sabem d'adonde essa Tereza vinha.

Agora, quando chegou, era um ano seco. O ano era seco quando chegou aqui. Tinha um tal de um coronel Gurjão. Essa Tereza ficou na casa dele, como criada, como sendo da casa, criada da casa. Ela não ficou como escrava. Ela ficou como criada da casa, e quando ele passou esses negócios de terreno aqui de Boa Vista para ela, esse Coronel Gurjão, mas ninguém sabe quando foi isso... Porque minha avó é de 1825, a minha avó. E minha bisavó, de onde já vem? (R) Eu já sou da quinta geração dela, dessa Tereza. A Tereza, o primeiro filho dela foi Domingo. De Domingo, foi Roberto. De Roberto, foi Inácio. De Inácio, foi Antônio⁵, que justamente é meu pai. Ninguém ouviu falar do marido dela. O filho, o primeiro foi Domingo, o outro foi Roberto e o outro foi Inácio, justamente meu pai era filho desse Inácio. Esse Inácio era bisavô de Francisca, e ela é filha de Zé Vieira... Imbém era irmã do meu pai. O meu avô, por parte de pai, nasceu aqui e aí foi a família todinha... todinho nasceu aqui e se criando aqui. (Seu Emiliano, 1991)

⁵ Seu Emiliano faz referência a seu pai, Antônio Fernandes da Cruz, Antônio Moreno (1869-1954), irmão de Manoel Gino, de Teodózio e de Imbém que segundo o registro encontrado por Seu Ulisses seriam filhos de Domingos Fernandes da Cruz (1784-1857).

Segundo a versão contada por Seu Zé Vieira, falecido há alguns meses aos 81 anos, as duas outras irmãs de Tereza foram deixadas na caatinga grande e em Jardim do Seridó.⁶ Justamente, são lugares onde encontramos registros históricos de escravos, onde existem comunidades quilombolas e onde é festejada N. Sra. do Rosário. É como se a desestruturação da família nuclear original correspondesse ao surgimento de vários outros núcleos de povoamento na região. Assim, todas as comunidades quilombolas teriam uma origem comum e manteriam antigas relações de parentesco através das irmãs abandonadas. Também, podemos pensar a narrativa de fundação da Boa Vista como sendo uma metáfora da viagem transatlântica dos ancestrais escravizados para o Brasil e do destino dos quilombolas que, ao chegar se “espalharam nesse meio de mundo, criando família”. A memória genealógica remonta a um evento fundador e a um tempo primordial. A história torna-se mito. O evento é uma seca durante a qual uma “retirante” é acolhida e “adotada” por um fazendeiro. O tempo remete à época em que as terras eram doadas, e que existia uma relação amigável entre os grandes proprietários fundiários e os seus moradores. Se tentarmos datar o evento, podemos pensar que Tereza veio durante a ‘grande seca’ de 1791-93. A tragédia, presente na memória dos sertanejos nascidos nos meados do século XIX, é o momento em que um dos “mais abastados fazendeiros da zona do Seridó, viu-se obrigado a emigrar para a ribeira do Cunhaú, fazendo o trajeto a pé, transportando à cabeça dos escravos sacos de moedas de ouro e prata” (Dantas 1941: 118). Essa época corresponde justamente com o momento da fundação da Boa Vista, versão oral que se apóia na memória genealógica dos mais velhos que se referem a ‘cinco gerações de negros’ nascidos no local. De fato, a doação da terra pode ser uma referência a uma época anterior a 1850, data em que é criada a Lei de Terras e em que o sistema colonial de sesmarias é abandonado (Mattos 1985). A versão oral retrataria, assim, uma troca de favores entre um proprietário de terras que teria cedido uma parte do seu patrimônio a uma escrava liberta em contrapartida de um favor: o

⁶ Informação transmitida por Sebastião Genicarlos dos Santos em 06/05/06.

que a história nos disse é que Tereza ficou nas terras e, no decorrer da história, não há mais nenhuma referência ao seu primeiro proprietário branco.

Se analisarmos agora a história de N. Sra. do Rosário relatada por Zé Vieira (junho/2007) oferece uma explicação da origem do ritual e ilustra a relação privilegiada da santa com “os negros”. Resumindo a narrativa que tem todos os atributos de um mito de origem, verificamos também que a santa que aparece “no mato” é ligada a uma comunidade quilombola cuja história parece com a da Boa Vista⁷:

Nossa Senhora do Rosário foi encontrada em cima de um toco. Foi levada para a igreja da cidade, mas não queria ficar no local: sempre voltava para o toco onde foi encontrada. Os “padres” voltavam para lá, com “rezas, hinos e procissão” e reconduziam a santa para a igreja, mas esta sempre voltava para o toco. Os padres mandaram “os negros batendo tambores e cantando”. A santa foi conduzida para uma capelinha pertencendo aos negros, e a santa ficou lá para sempre.

Assim, o estudo da irmandade do Rosário abre caminhos para conhecer o passado e a atualidade da Boa Vista, pois, como as narrativas de fundação, a dança do Espontão tem um papel importante de legitimação do pleito coletivo no processo de reivindicação étnica, insistindo sobre os aspectos tradicionais do ritual. Mas se a dança é a ocasião do reconhecimento social de um grupo historicamente marginalizado, é também um momento de festa durante a qual os corpos se mostram e libertam-se. Assim, graças à Festa do Rosário, sabemos da presença das populações africanas na região, desde o século XVIII até hoje. A festa, ao longo dos séculos, sofreu transformações, o rito religioso tornou-se “folclore”, mas a devoção continua. Atraindo curiosos e admiradores, o grupo recebe o auxílio intermitente de agentes locais, sobretudo dos moradores, dos membros da igreja e das prefeituras de Jardim do Seridó e de Parelhas ou, mais recentemente, do movimento negro, sendo visitado regularmente

⁷ Zé Vieira não sabe onde nem quando esse fato aconteceu.

por estudantes, professores, fotógrafos, antropólogos, militantes, etc. Desta forma, a dança toma uma nova dimensão, a de reivindicação étnica. Por sua vez, o ritual tem como papel a transmissão de uma história silenciada pelos próprios atores.

Reis e Rainhas na casa do Rosário

O culto à Nossa Senhora do Rosário aparece como sendo um dos principais marcos da história e da identidade do grupo; mantém-se vivo até hoje na comunidade quilombola da Boa Vista, sendo ressignificado a cada geração.

Além da festa, existe uma devoção à santa, sobretudo por parte das mulheres, que expressam sua fé com muita emoção; é difícil abordar o assunto sem provocar lágrimas que, rapidamente, generalizam-se. A imagem, doada por Seu Ulisses Potiguar, espera há 17 anos um abrigo: desde 2002, uma capela está sendo construída com o trabalho dos membros da Associação Comunitária que organizam eventos para arrecadar fundos para terminar a construção. Na terceira semana de outubro de cada ano, é realizada a festa do Rosário na Boa Vista, mas o evento festivo mais importante continua sendo a festa do Rosário, em Jardim do Seridó.⁸

Indagando nossos interlocutores sobre a existência de uma lenda sagrada em torno da imagem da santa, encontramos somente algumas pessoas que a história da santa relatada por Zé de Biu (junho/2007) é a mesma contada por Seu Turco, tesoureiro da Irmandade em Jardim do Seridó. A narrativa oferece uma explicação sobre a origem do ritual e o papel dos “negros”⁹:

Nossa Senhora do Rosário foi encontrada em cima de um toco, “no meio do mato”. Foi levada para a igreja da cidade, mas a “santa sempre voltava para o toco” onde tinha aparecido. Os “padres iam com rezas,

⁸ Cogita-se de fundar uma irmandade distinta da de Jardim, pois os devotos da santa são mais numerosos na Boa Vista.

⁹ Apresentamos uma versão resumida da história contada por seu Zé de Biu, pois, na ocasião, não foi possível gravar a entrevista.

hinos e procissão”, reconduzindo a santa para a igreja mas, sempre voltava para o toco. Os padres mandaram os negros batendo tambores e cantando. Esses levaram a santa para uma capelinha pertencendo aos negros, e a santa ficou lá para sempre. Mas ninguém sabe onde nem quando esse fato aconteceu.

A festa do Rosário representa um dos eventos mais importantes da cidade de Jardim do Seridó e mobiliza os moradores, mas também, os “filhos ausentes”, sobretudo pessoas que residem na capital, Natal. Em cooperação com a Igreja, desde o mês de novembro, são organizadas novenas e arrecadados fundos para subsidiar as despesas da festa do fim do ano: os uniformes dos irmãos, a comida, o transporte, entre outros, são fornecidos aos membros da Irmandade e a seus familiares que vêm especialmente para Jardim do Seridó para a ocasião.

A festa começa no dia 30 de dezembro e termina dia primeiro de janeiro do ano seguinte, seguindo o cerimonial das outras festas religiosas (novenas, missas, procissões, benção, etc.) com o desfile e a dança ao som dos tambores. A “brincadeira” reúne anualmente os irmãos da Boa Vista e de Jardim do Seridó bem como devotos da santa, amigos e parentes: é uma ocasião ímpar de reencontrar os familiares, de consolidar a devoção à santa e de festejar a passagem do ano com muita dança e, sobretudo, para alguns homens, muita cachaça. Segundo o que nossos interlocutores nos disseram, “antigamente”, a maior parte das famílias da Boa Vista se mudava para a casa do Rosário levando, “no lombo de jumento”, os mantimentos necessários para os três dias de festa: redes, lenha para cozinha, panelas, alimentação – inclusive galinhas vivas! Percorriam a pé os quinze quilômetros que separam Boa Vista de Jardim; os mais jovens aproveitavam o passeio para namorar ou distrair-se, comendo e bebendo no caminho. Hoje, “o povo da Boa Vista” utiliza o ônibus fretado pelas prefeituras para ir “na casa do Rosário”, ao encontro da família Caçote, para rezar, “pular” e “farrear” nas ruas de Jardim.

Tivemos a chance de conversar com Dona Inácia Maria da Conceição, conhecida como Inácia Caçote (maio/2007), que nos contou que sua avó era escrava: esta morava no sítio São Roque, hoje situado no município

de Ouro Branco, vizinho a Jardim do Seridó.¹⁰ Segundo Dona Inácia, ela teria conseguido comprar sua carta de alforria, libertando-se para criar seus filhos, com o seu trabalho nos campos de algodão. Na ocasião, informou que foi seu pai que construiu a casa do Rosário, comprando o material da casa com o preço da venda de um boi; este chamou os homens da Boa Vista para participar da festa do Rosário em Jardim com a “família Caçote”.

A tradição é mantida com muito cuidado, os integrantes do grupo ficando sob a responsabilidade do mais antigo, hoje Zé de Biu, “chefe dos negros”, que dirige o grupo nas suas apresentações e ensina aos mais novos os passos: José Fernandes do Amaral é chefe do grupo e ocupa o cargo há vinte anos; foi juiz perpétuo durante 45 anos e é um dos mais antigos a continuar participando da festa de Jardim.¹¹ Além de ser um dos mais antigos participantes da festa do Rosário, é também leiloeiro durante as festas de Jardim do Seridó e de Carnaúba dos Dantas, no Monte do Galo. Seu Manoel Miguel, que não participa mais, entrou na irmandade em 1947 e ocupou vários cargos ao longo dos anos.

Como nos Reisados ou nas Congadas, há uma eleição anual para escolher o Rei e a Rainha do ano, o Juiz e a Juíza do ano, e perpétuos, o Escrivão, a Escrivã, e, finalmente o Rei e a Rainha Perpétuos. Todas as irmandades do Rosário obedecem à mesma lógica:

Tem o rei perpétuo e a rainha perpétua. É Pedro Mariano e Trindade, irmã dele. No ano que não aparece um pra ser rei, ele é que assume no lugar e a rainha também. Mas quando aparece, ele cede a coroa para o rei, paga promessa. O rei e a rainha dá um almoço a nós no dia de hoje a todos os negros do Rosário e ao povo que acompanha o Reinado (Seu Paulo, Caicó, 1990)(Cavnignac 1994: 214).

Há também o porta-bandeira (bandeirista), que acompanha os dançarinos (lanceiros) que são comandados pelo Capitão de lança, geralmente

¹⁰ Dona Chica informa que escravos originários da Boa Vista foram morar em Ouro Branco. Dona Inácia Caçote faleceu em 2007.

¹¹ Hoje, Zé de Biu é também responsável da casa em Jardim do Seridó durante as festas.

uma pessoa experiente. Finalmente, os caixeiros se juntam ao tocador de pífano de Jardim que nem sempre é presente nas apresentações.



Fotografia - Tambor e Espontão do Rosário (Jardim do Seridó, dez. 2006).

A tradição vem sendo mantida ao longo dos anos, sem muita modificação:

... Tem os bombos, tem os pontão que é uns pau' com as fita' que eles pilam e tem os tambor' de bater. São três, quatro tambor. Tem as caixa'... Ai pronto, eles tem parte pra festivo... tem a rainha, tem o réis. A rainha, o juiz, e a juíza do ano, juíza do ano e juiz do ano, juiz perpétuo e a juíza perpétua, e tem também a escrivã... agora eles são tudo de traje comprido, sabe?... E o Réis com a coroa na cabeça, tem a coroa e agora o outro pessoal não tem não... divisa umas fita, assim do lado, ai aquelas fita', 'tá indicando que é o Réis perpétuo, que é juiz perpétuo, juiz do ano, ai quando chega o dia da festa, na véspera da festa, ai o pessoal vão se preparar pra aquele encontro do Réis, em jardim do Seridó. É muito bonito o encontro, o pessoal fica, vão pra lá, o Réis e a Rainha fica e se prepara. Ai vão se encontrar lá na porta da igreja... vai no dia 30 ai só vem no dia 1º à noite. Antigamente a gente ai de pés, daqui... ai passa a fita todinha lá .. aí pronto quando eles vão ensaiar aquele encontro, que é o

início da festa, aí sai o pessoal batendo , batendo pra se encontrar, aí ficam batendo ... aí depois quando é pra ir pra missa, vão tudo preparado, tudo preparado, também tem guarda de honra, que é um menino com uma menina ... Todas elas têm véus e capela, só quem tem coroa, a juíza do ano e a juíza perpétua é de véu e capela... Como uma noiva... Lá em jardim do Seridó, todo ano, é assim, um ano é daqui de Boa Vista e outro ano é de lá, um ano é de lá, o outro é daqui... junta tudo, é o negro ´ do Rosário de Jardim e o negro ´ do Rosário daqui da Boa Vista, aí lá tem uma missa, se prepara naquele dia, no dia da festa, e quando é de 9 horas, o tesoureiro que é o pessoal de lá, aí vão preparar aquela missa. Aí, na hora daquela missa é que fica, é como fica a passagem do outro ano, aí fica tudo na hora pra saber quem é o Réis do ano e o juiz do ano, todo ano muda, o Réis e o juiz, só nunca muda, é um só, toda vida é o juiz perpétuo, toda vida ele é um só... Desde da véspera, aí assiste ao encontro de Réis, depois, vem tudo pra casa, vem tudo batendo. Troca roupa, quando é à noite vai pra novena, tudo formando, tudo vestido com o pessoal... Aí, no outro dia, se arrumam, vão à missa, a missa é de 10 horas, depois da missa vem, quando é de 4 hora, aí é a procissão. Mas aí eles sai, tem as barracas, vão todos formado ´ lá pras barracas, são convidado ´ pra ir pras casas assim, pessoas de lá, de jardim do Seridó, Dr. Paulo, esse povo, aí vão tudo pronto, não sabe? ... Tinha um jantar, era na casa da gente mesmo, sabe? Apesar quando esse povo, aí tudo pronto, não sabe? ... Tinha um jantar era na casa da gente mesmo, sabe? (Chica 1991).

A hierarquia é rigorosamente cumprida para que os irmãos possam dançar e ‘brincar’ juntos durante os três dias da festa. A brincadeira e a dança são reservadas aos homens, pois além do esforço físico intenso que é requerido, há um grande consumo de álcool. Porém, as mulheres participam da festa, dançando e acompanhando o cortejo. Também são encarregadas das crianças, das tarefas da casa e da preparação das refeições.

Luís da Câmara Cascudo (1962: 297-298) que participou da festa em 1943, define a dança como “um bailado de guerra, ao som do tambor marcial”:

OS FILHOS DE TEREZA

Até 1944, havia no Jardim do Seridó, uma cerimônia alusiva ou semelhante: coroação dos Réis (sem denominação do Reino), missa em lugar privilegiado, e nas ruas, um longo bailado guerreiro, acompanhando a tambor a dança do Espontão, pequena lança, sem versos e sem cantos. Apenas um bailado ginástico de ataque e defesa, com lanças e a pé". (Casculo 1980: 46)



Fotografia - Irmandade do Rosário de Currais Novos (1943).¹²

Até a roupa lembra soldados, e a dança ensaia um combate, com gritos, pulos e muito ritmo. Ao desfilar nas ruas, os dançarinos param em algumas residências, para pedir alimentos e dinheiro: a lança é colocada no ombro para significar que a pessoa deve colaborar com comida, bebida ou dinheiro. A ameaça ritual lembra a todos que a colaboração é obrigatória e que precisa abrilhantar a festa com a presença de cada um. O tesoureiro, tradicionalmente, um branco, recebe, todo ano, o grupo para fazer uma colação e, geralmente, mantém relações amistosas com os membros do grupo.¹³

¹² Fotografia reproduzida do *Dicionário do folclore brasileiro* de Luís da Câmara Cascudo (1962: 298).

¹³ Seu Turco é o tesoureiro da irmandade há mais de dez anos e é auxiliado, na organização da festa por sua esposa, Helena; porém, a contragosto, terá que se afastar do cargo em breve por razões de saúde.

A Dança do Espontão se destaca das outras festividades realizadas por irmandades negras por ser antes de tudo uma dança masculina – em traje de guerreiros – ritmada por percussões, sem canto:

As músicas tocadas pelo pífaro (eles chamam ‘pifa’) com acompanhamento das caixas ou zabumbas, chamam-se “Baionada”, “Catingueira”, “Palmeirinha” e “Piauí”. São melodias vivas e alegres. Próprias da festa ou do grupo de Boa Vista, pois nada ouvimos semelhante noutros folgedos do Estado. Interessante é que os negros não cantam nenhuma melodia. Tocam e dançam apenas, improvisando passos, gingando (Melo 1973: 132).

Na dança, não há letras nem melodias, só loas. O ritmo dos tambores é envolvente e chama atenção do público assistente. Também, durante os dias de festa, os irmãos do Rosário visitam casas para abençoá-las e arrecadar bens e dinheiro para a festa. Ao chegar aos domicílios e depois de terem dançado, os irmãos abençoem a casa visitada, com a fórmula seguinte: “Viva Nossa Senhora do Rosário! Viva São Sebastião! Viva as pessoas de bem! Viva a boa sociedade, tronco, ramos e raízes!”.¹⁴ Desta forma, o ritmo ocupa todo o espaço musical, o pífano, podendo ser dispensado. Nesse aspecto, distingue-se das outras formas de religiosidade ligadas a irmandades de Pretos, pois, geralmente, a dança acompanha-se de cantos ou de rezas.

A performance é inteiramente realizada pelos homens, pois a participação das mulheres é proibida na celebração oficial e religiosa. Porém, seguindo o cortejo, mulheres e crianças dançam em louvor à Nossa Senhora do Rosário e a São Sebastião. Assim, é inegável que a festa e a devoção à N. Sra. do Rosário ocupam um lugar de destaque no universo cultural e religioso dos quilombolas da Boa Vista; são eles os principais precursores do evento do fim do ano em Jardim do Seridó, deslocando-se nos últimos dias do ano, em número importante para passar três dias na “casa do Rosário” e mantendo acesa a chama da lembrança do passado. Ocasão, também, de reatar laços de parentesco reais ou rituais e de afirmar uma diferença.

¹⁴ Antônio Capitão, 01/01/2006 citado por Góis 2006: 22.

De fato, a dimensão festiva e ritual da festa reforça o caráter étnico da tradição, mesmo se, aparentemente, esse elemento é relativizado por seus participantes durante as festividades sagradas. Seu Zé de Biu, interlocutor privilegiado para os assuntos que dizem respeito à irmandade, lamenta que alguns grupos quilombolas não queiram mais continuar a tradição: “não querem ser negros”. Essa declaração confirma a importância da dança na definição identitária do grupo da Boa Vista. Assim, podemos definir a Festa do Rosário como um ritual de inversão controlado pela igreja que, visivelmente, é aceita por todos os segmentos da sociedade seridoense, apesar de conservar fortes marcas da discriminação social e racial (Matta 1981; Turner 1990). Nele, é regularmente lembrada a opressão sofrida pelos descendentes; as populações escravizadas que aparecem como guerreiros. Apesar de ser vista como ‘folclore’ pela sociedade englobante, em Boa Vista, a performance ritual não perdeu sua dimensão étnica e memorial: é a expressão dos sentimentos e de uma visão do passado de um grupo historicamente estigmatizado e marginalizado. Pela encenação do ritual que atualiza o passado, a identidade do grupo encontra-se reforçada. É o que Carlo Severi (1993: 361) chama de ‘memória ritual’: é “um tipo de memória que somente uma ação ritual parece capaz de preservar e que não é sujeita à mudança histórica”. A Festa do Rosário nós ensina, encenando uma luta que lembra o tempo de opressão que é silenciado, inclusive pelos próprios interessados. Efetivamente, na dança do Espontão, que é masculina, não há canto nem uma trama narrativa. Assim, a dança não deixa de ser uma memória que não precisa se transformar em palavras: a memória e o ritual formam um conjunto e expressam uma identidade que se fundamenta num território ocupado ancestralmente.

A dança dos quilombos

Durante a pesquisa, verificamos que os processos de afirmação étnica se realizem através das vias simbólicas, sobretudo no plano ritual e na instrumentalização de elementos relacionados à religiosidade, pelo pertencimento à irmandade do Rosário. Essas marcas identitárias estão sendo reelaboradas com a entrada do grupo no campo político, o aparecimento e o ‘apoderamento’ de algumas lideranças que se materializam

no pedido de regularização fundiária. Porém, ainda aqui, além da tomada de consciência política por parte dos membros mais jovens que se caracterizam com o uso de uma linguagem militante e uma reapropriação da palavra “quilombo”, constatamos que a tradição vem sendo reinterpretada de maneira singular: há uma importância dada ao corpo, com o uso de sinais de africanidade (cabelos trançados) e a ‘retomada’ da dança do Espontão pelos mais jovens, integrada com outros modos de expressões musicais e corporais que pertencem ao universo cultural contemporâneo, sobretudo, através da organização de um grupo de percussão e bandas de forró.

Apesar de uma inserção razoável no município e da reivindicação de uma ‘paz racial’, os quilombolas sofrem com uma marginalização que encontra suas raízes na história local. Isso é perceptível a partir das formas de tratamento que são utilizadas por membros externos ao grupo: são tratados com condescendência pelos representantes da elite local e pela sociedade englobante, que utilizam expressões como “a negralhada”, “meus neguinhos”, “os pretinhos”, etc. Marcas desta estigmatização aparecem nas entrelinhas da conversa que tivemos com Manoel Miguel (11/05/2006):

Julie Cavignac – Quer dizer que aqui a comunidade nunca teve problema?
Manoel Miguel – Não.

Manoel Miguel – Tratava bem. A gente nessa vida aqui, toda vida fomos [bem tratados], logo hoje que tem esse negócio de racismo, mas graças a Deus, pra gente nunca houve não. Se houve, não sei. A parada é dura pro lado do negro viu!

Julie Cavignac - Mas é porque tem gente que diz que os meninos são maltratados nas escolas, que brigam...

Manoel Miguel - Tomará que não, assim brigar, briga. De brigar, briga, mas de ser maltratado, eu não sei não!

Julie Cavignac – Vocês se importavam em serem chamados de negro?

Manoel Miguel – Não, nunca se importemos não. Tem uns cabras que ainda hoje são sem vergonhosos, dizem:

- Nego!

- Eu vou lhe entregar...

Ai respondem:

- Eu não lhe chamei de nego!

Julie Cavignac - Mas por que... assim, às vezes as pessoas chamam “os pretinhos”...

Manoel Miguel - Não, mas aqui... quando vai assim, é “os negros da Boa Vista”. Agora, mais novo, agora, é os quilombos! Tem uma história de quilombos. Tem os quilombos velhos e os quilombos novos.

Julie Cavignac - Quem são os quilombos velhos?

Manoel Miguel - É a gente. É eu, é Zé de Biu, esse povo mais velho, não sabe? Agora, os quilombinhos. Foi Dr. Antonio que inventou isso. Dr. Antonio, prefeito.

O sucesso regional do grupo de dança do Espontão, aliado à divulgação de temas ligados à luta contra a discriminação racial incentivou ações por parte da municipalidade em relação ao grupo, sobretudo, de um ponto de vista cultural. Os “quilombinhos”, grupo de dança composto por crianças que reproduzem o ritmo e a dança do Rosário, foi criado há três anos. Outro grupo de percussão surgiu recentemente. Apesar das mudanças sociais e econômicas que a Boa Vista conheceu, a dança do Espontão não foi abandonada, pelo contrário. A dança e os ritmos foram retomados como sinal de afirmação étnica, conjuntamente com outras expressões musicais e corporais que fazem diretamente referência à imagem da África veiculada em eventos culturais quilombolas (percussão, “dança africana”, capoeira). Ao sair do domínio sagrado e passando para a esfera do político, a tradição se renova: os ‘negros do Rosário’ recebem constantemente convites para se apresentarem e foram incluídos como atração turística no roteiro do Seridó, elaborado pelo Sebrae local em 2004. Em 2005, com o auxílio da prefeitura de Parelhas, foi formado um grupo de dança composto por 25 crianças, chamado “os quilombinhos”, que se apresentam com certa frequência em eventos de âmbito local.¹⁵

¹⁵ Revista Prea, Natal, Fundação José Augusto, n. 15, nov/dez. 2005, [http://www.fja.rn.gov.br/arquivos/Prea_15Net2.pdf, p.60], capturado em 30/04/2007.

Recentemente, as mulheres também criaram o grupo de dança africana, as “Pérolas Negras”, com referências claras a passos, figurinos e cabelos de inspiração africana.

Assim, é inegável que a festa e a devoção à N. Sra. do Rosário correspondem a algo importante para os quilombolas da Boa Vista; são eles os principais precursores do evento do fim do ano em Jardim do Seridó, deslocando-se nos últimos dias do ano, em número importante para passar três dias na “casa do Rosário” e mantendo acesa a chama da lembrança do passado. Ocasião, também, de reatar laços de parentesco reais ou rituais e de afirmar uma diferença. A festa reforça ritualmente o caráter étnico da manifestação cultural na qual é ensaiado um cortejo real ao som dos zabumbas. Nela, é regularmente lembrada a opressão sofrida pelos descendentes, as populações escravizadas que aparecem como guerreiros, ameaçam ritualmente os moradores para colaborarem à festa e batem os tambores na igreja. Apesar de ser vista como ‘folclore’ pela sociedade englobante, em Boa Vista, não perdeu sua dimensão étnica e memorial: é a expressão dos sentimentos e de uma visão do passado de um grupo historicamente estigmatizado e marginalizado. Pela encenação do ritual que atualiza o passado, a identidade do grupo encontra-se reforçada. Porém, mesmo se invertem momentaneamente os papéis sociais, a festa reforça a situação histórica de discriminação e continua silenciando a opressão secular: na dança do Espontão, não há canto nem uma trama narrativa que explique a presença dos descendentes de africanos no Seridó.

Por outro lado, se os homens da Boa Vista participam pouco das tomadas de decisões internas e da vida política da comunidade, eles aparecem na esfera pública como os detentores de uma tradição sagrada, reservando-se o direito de tocar os instrumentos, de levantar as bandeiras e os estandartes da santa, de dançar com as lanças nas ruas de Jardim do Seridó durante a festa. Nesse caso, o prestígio ligado à dança parece ser maior do que o da política. Também, verificamos que, fora do espaço ritual, as mulheres “entram na dança” e reivindicam o direito de dançar, com a criação de um grupo feminino de dança africana, as “Pérolas Negras”. Enfim, recentemente, os jovens do grupo adotaram, na sua quase maioria, as tranças de cabelo *dread-locks*, como forma de afirmar uma

identidade diferencial, continuando, no entanto, a reconhecer a dança e a devoção à N. Sra. do Rosário como sendo os elementos definidores do grupo.

Assim, e seguindo uma tradição iniciada por seus ancestrais os quilombolas da Boa Vista expressam na dança e na música sentimentos de pertencimento a um grupo étnico e uma visão do passado de um segmento social historicamente estigmatizado e marginalizado. Ao modificar-se, a tradição conserva as dimensões étnicas e memoriais contidas nas novas formas de danças, ampliando o espaço de atuação dos seus membros e reafirmando a legitimidade do grupo.

As mulheres da Boa Vista assumem um papel importante na vida cotidiana e política do grupo, o que se acompanha de um aparente desinteresse dos homens por questões políticas: são elas que, nas instâncias externas, representam a comunidade (professoras, agentes de saúde e presidente da Associação¹⁶, participando de projetos em cooperação com a prefeitura). Os homens, em idade de trabalhar, são empregados nas cerâmicas circunvizinhas e nem sempre se projetam como atores do desenvolvimento local.¹⁷ Apesar deles continuarem a ser os provedores do lar, constatamos que as mulheres, cada vez mais, ocupam o espaço político: estão à frente dos principais cargos e responsabilidades, pois, além da disponibilidade, existe uma disparidade entre homens e mulheres quanto ao nível educacional e às profissões: são professoras, enfermeiras, membros da associação comunitária, que têm um trânsito facilitado nas secretarias, nos órgãos representativos e representam a Boa Vista nas reuniões estaduais ou nacionais. Estão à frente das decisões coletivas e dos projetos comunitários, inclusive, na discussão sobre o território a ser pleiteado. Porém, a atuação das mulheres no campo político interno e externo não implica uma mudança radical das relações de parentesco – sobretudo na escolhas dos cônjuges – e na divisão sexual do trabalho.

¹⁶ A Associação de desenvolvimento da comunidade negra da Boa Vista - ADECONB, foi criada em 2002 e tem como presidente eleita em maio de 2006 Maria das Graças Fernandes da Cruz - Preta.

¹⁷ Existe um site que apresenta fotografias da comunidade quilombola da Boa Vista, ligado a um projeto de defesa dos direitos humanos. Ver: <http://www.dhnet.org.br/w3/cedan/index.html>

Mesmo se, entre os mais jovens, sobretudo os homens, há pouco interesse para a história do grupo e os assuntos políticos; percebemos, no entanto, uma forte consciência étnica que se expressa nos cuidados com a aparência física e com a preocupação em continuar a tradição da “Dança do Espontão”.¹⁸

Aparece, claramente, no final da análise que, além da questão política, é preciso que a dimensão simbólica e cultural esteja presente na definição dos grupos étnicos, pois essa tem um papel importante: são experiências religiosas, culturais e históricas compartilhadas – ainda que alguns de seus elementos sejam também utilizados parcialmente pelos grupos vizinhos. Sabemos, desde Barth (1988) e outros autores, como N. Wachtel (1990), que a identidade étnica pertence ao universo simbólico; é construída e acionada de modo diferente, dependendo dos contextos sociais e políticos em que os agentes a reivindicam. Aqui, o auto-reconhecimento como quilombola passa pela reiteração da história, a dança do Espontão, a devoção à santa e o sentimento em relação à terra. Todos esses elementos apontam para uma identidade em constante reelaboração a partir de um fundo cultural comum, designado pelos próprios autores como tradicional.

¹⁸ Chamou-nos bastante a atenção o número de pessoas da comunidade (maioria de mulheres, mas também alguns homens mais jovens) que fazem penteados chamados “afros”.

Referências bibliográficas

- ABREU, Marta. 1994. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX, *Estudos Históricos*, 7, 14: 183-203.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. 2002. Os quilombolas e as novas etnias, In: O'DWYER, Eliane Cantarino. (org.) *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*, Rio de Janeiro, Editora FGV.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. 2006. *Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara: laudo antropológico*, Brasília, MMA.
- ANDRADE, Mário de. 1982. *Danças dramáticas do Brasil*, Belo Horizonte, ed. Itatiaia, vol. 2
- ARRUTI, José Maurício Andion. 1997. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *Mana*. [online]. out., vol.3, no.2 [citado 26 Abril 2006], p.7-38. [Disponível no site: <<http://www.scielo.br/>].
- ARRUTI, José Maurício Andion. 2006. *Mocambo: antropologia e história no processo de formação quilombola*, São Paulo, Edusp (Premio Anpocs).
- ARRUTI, José Mauricio. 2003a. *Relatório técnico-científico sobre a comunidade remanescente de quilombos da ilha de Marambaia, município de Mangaratiba (RJ)*, Rio, Koinonia, Fundação Cultural Palmares.
- BARTH, Frederik. 1988. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT; STREIFF-FENART (orgs.). *Teorias da etnicidade*, São Paulo, Unesp: 187-227.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. 2002. *A inconstância da alma selvagem*, São Paulo, Cosac e Naify.
- CUNHA, Manoela Carneiro da. 1994. O futuro da questão indígena, *Estudos avançados* [online], 8, 20 [citado 2006-05-13]: 121-136. [Disponível em: <http://www.scielo.br/>]
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1949. *Les structures élémentaires de la parenté*, Paris, PUF.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1970. A gesta de Asdiwald, in: *Antropologia estrutural dois*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro: 152-205.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2003. *Antropologia estrutural*, 6ed. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1991. *Minhas palavras*, São Paulo, ed. Brasiliense
- LÉVI-STRAUSS. 1983 [1950]. Introduction à l'oeuvre de Marcel Mauss, in: MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*, Paris, PUF, 8e ed.
- SAHLINS, Marshall, 1987. *Ilhas de História*, Rio de Janeiro, Zahar.
- WACHTEL, Nathan. 1990. Le retour des ancêtres: les indiens Urus de Bolivie, XXe-XVIe siècle. Essai d'histoire régressive, Paris, Gallimard.
- WEBER. Max. 1971. *Economie et société*, Paris, Plon.
- WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. 1995. *Herdeiros, parentes e compadres : colonos do sul e sitiantes do Nordeste*, São Paulo, Hucitec, Brasília, Edunb.
- WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. 1998. Família, mulher e meio ambiente no seringal, In : Niemeyer, Ana Maria ; Godoi, Emília P. de. *Além dos territórios. Para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*, Campinas, Mercado de letras, 167-200.
- ZONABEND, Nicole. 1986. La mémoire longue, temps et histoires au village, Paris, PUF.
- ZONABEND, Nicole. 2000. Les maîtres de parenté. Une femme de mémoire en Basse-Normandie, *L'Homme* , 154-155:505-524.